

O RIO GRANDE DO NORTE NO COMÉRCIO INTERNACIONAL: circuito espacial da produção de têxteis e de confecções

*Rio Grande do Norte in international trade:
analysis of the spatial circuit of textile and confection production*

Mónica Arroyo *

Rita de Cássia da Conceição Gomes **

Resumo

O território brasileiro, desde sua rápida inserção no mundo da globalização, experimenta profundas transformações, sobretudo aquelas ligadas às exigências em novas materialidades para a viabilização das modernizações da economia e da sociedade. Nesse contexto, coexistem subespaços onde se desenvolvem atividades modernas e subespaços deprimidos tanto social quanto economicamente. O estado do Rio Grande do Norte, a exemplo do território nacional, constitui-se numa unidade contraditória que inclui tanto zonas de intensa densidade técnica, científica e informacional, quanto aquelas de rarefação, onde pessoas e objetos – e sua dinâmica – são regidos por uma racionalidade menos afeita à divisão internacional do trabalho. Com base nesse conjunto de transformações, este artigo procura focalizar a análise nos circuitos espaciais da produção vinculados ao mercado internacional, para assim contribuir no entendimento da dinâmica econômica atual do Rio Grande do Norte, que mostra diferentes graus de internacionalização. Em primeiro lugar, traçamos um panorama geral sobre seu comércio internacional e suas condições atuais de fluidez e porosidade territorial. Em seguida, analisamos mais detidamente algumas características do circuito espacial da produção de têxteis e de confecções, destacando a participação de um grupo pequeno de grandes empresas.

Palavras-chaves: Dinâmica territorial, Comércio internacional, Circuitos espaciais da produção.

Abstract

The Brazilian territory, since a fast insertion in the global world, experiences profound transformations, mainly those connected with exigencies on a new materiality to enable an economic and society modernization. In this context, subspaces where modern activities are developed coexist with social and economic poor subspaces. Rio Grande do Norte, the same as the national territory, is composed of a contradictory unity that includes the zones with high technic, scientific and informational density, such as zones where people and objects - and its dynamic - are conducted by a rationality that is less affect to the international division of work. Based on all this transformations, we focus our analysis on spatial circuits of production linked to foreign markets, contributing for the understanding of Rio Grande do Norte current economic dynamics that shows different degrees of internationalization. First, we present an overview of the international trade in Rio Grande do Norte and of the actual territorial fluidity and porosity conditions. Then, we analyze more closely some characteristics of the spatial circuit of textile and confection production, highlighting the participation of a small group of big companies.

Key words: Territorial dynamics, International trade, Circuits of production space.

Resumen

El territorio brasileño, desde su rápida inserción en el mundo de la globalización, experimenta profundas transformaciones, especialmente aquellas ligadas a las exigencias de nuevas materialidades para la viabilidad de modernizaciones en la economía y en la sociedad. En ese contexto, coexisten sub-espacios donde se desarrollan actividades modernas y sub-espacios deprimidos tanto social como económicamente. El estado de Rio Grande do Norte, del mismo modo que el territorio nacional, se constituye como una unidad contradictoria que incluye zonas de intensa densidad técnica, científica e informacional, como también aquellas donde personas y objetos – e su dinámica – son regidos por una racionalidad menos vinculada a la división internacional del trabajo. Teniendo en cuenta ese conjunto de transformaciones, este artículo busca focalizar el análisis en los circuitos espaciales de producción vinculados al mercado internacional, para así contribuir en el entendimiento de la dinámica económica actual de Rio Grande do Norte, que muestra diferentes grados de internacionalización. En primer lugar, trazamos un panorama general sobre el comercio internacional en Rio Grande do Norte y sobre sus condiciones actuales de fluidez y porosidad territorial. Enseguida, analizamos más detenidamente algunas características del circuito espacial de producción textil y de confecciones, destacando la participación de un grupo pequeño de grandes empresas.

Palabras clave: Dinámica territorial, Comercio internacional, Circuitos espaciales de producción.

(*) Bolsista Produtividade do CNPq e Prof^ª. Dr^ª. do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo – Av. Lineu Prestes, 338 – Cidade Universitária – CEP 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil. Tel: (+55 11) 3091 3769 ramal 8580 – mmarroyo@usp.br

(**) Prof^ª. Dr^ª. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Av. Senador Salgado Filho, 3000 – BR 101 km 92 – Lagoa Nova – CEP 59078-970 – Natal – RN – Brasil. Tel: (+55 11) 3215 3570 ramal 7 – ricassiacc@gmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão que este artigo propõe está inserida no projeto intitulado “O meio geográfico atual do Rio Grande do Norte: novas materialidades, novas dinâmicas” (PROCAD UFRN/USP/UNICAMP), cujo objetivo principal é discutir as transformações em curso no território potiguar, de modernização periférica. Pretendemos compreender os processos que presidem as recentes modernizações territoriais, em face às orientações provenientes do mercado e do Estado. Parte-se de uma proposta de método que considera o território usado (SANTOS, 1996) sendo o resultado do processo histórico bem como a base material e social das ações humanas.

No território brasileiro, desde sua rápida inserção no mundo da globalização, ecoam profundas transformações, sobretudo aquelas ligadas às exigências em novas materialidades para a viabilização das modernizações da economia e da sociedade (SANTOS e SILVEIRA, 2001). Assim, identificamos no Nordeste brasileiro subespaços onde se desenvolvem atividades modernas, como as novas áreas de produção do agronegócio (ELIAS, 2006) e as áreas destinadas ao turismo com a presença de redes de hotéis internacionais (DANTAS, 2009). Concomitantemente reconhecemos subespaços deprimidos tanto social quanto economicamente, não sendo uma expressão do período atual, mas sim, um produto resultante de um conjunto de fatores, destacando, principalmente as estruturas de poder e a forma como se desenvolveu a política de ordenamento do território, marcadamente centralizada, sem atenção para as pequenas cidades (GOMES, 2009). Todavia, uma longa história de erosão socioeconômica desses espaços, aliada a uma globalização vetorizada pela competitividade, aponta para problemas territoriais em permanente profusão. Portanto, o estado do Rio Grande do Norte, a exemplo do território nacional, constitui-se numa unidade contraditória que inclui tanto as zonas de mais intensa densidade técnica, científica e informacional, quanto aquelas de rarefação, onde pessoas e objetos – e sua dinâmica – são regidos por uma racionalidade menos afeita à divisão internacional do trabalho.

No que concerne aos procedimentos metodológicos que orientam o projeto, a pesquisa vem se organizando a partir da busca de fontes primárias e secundárias, estatísticas e documentais, pelas diferentes equipes de trabalho, constituída por professores e alunos de pós-graduação das três instituições inseridas no projeto. Cabe assinalar que foram realizados vários trabalhos de campo com execução de entrevistas e visitas técnicas.

No presente artigo, pretendemos focalizar nossa análise nos circuitos espaciais da produção vinculada ao mercado internacional para assim contribuir no entendimento da modernização do território que se impõe através dessa dinâmica. Em primeiro lugar, traçaremos um panorama geral sobre o comércio internacional no Rio Grande do Norte e sobre as atuais condições de fluidez e porosidade territorial.

A fluidez está relacionada com a existência de uma base material formada por um conjunto de objetos concebidos, construídos e/ou acondicionados para permitir que as mercadorias circulem (entre eles, portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, hidrovias, armazenagens). Concomitantemente, a porosidade territorial se vincula à existência de uma base normativa resultado de uma ação política exercida tanto por governos quanto por empresas para operar, algumas vezes como estímulo, outras como obstáculo à abertura do território, regulando a circulação de mercadorias (através de leis, regras, medidas, programas, acordos e estratégias) (ARROYO, 2001). Em seguida, analisaremos mais detidamente algumas características do circuito espacial da produção de têxteis e de confecções no estado em foco.

O TERRITÓRIO POTIGUAR NOS FLUXOS INTERNACIONAIS DE MERCADORIAS

A balança comercial estadual mostra um quadro de fortes assimetrias (tabela 1). Os fluxos de mercadorias gerados pelos estados que compõem a Região Concentrada – Sudeste e Sul - representam 80% do valor exportado anualmente pelo Brasil. É o comportamento dessa fração do território nacional que, em grande parte, explica as tendências do comércio exterior do país (ARROYO, 2012).

Os estados da Região Nordeste apresentam uma pauta exportadora com um maior peso dos produtos básicos; em alguns casos com um alto grau de concentração como, por exemplo, Pernambuco e Alagoas com 46% e 87%, respectivamente, de suas exportações vinculadas à cana de açúcar. Outro grupo de estados, pelo contrário, tem uma pauta relativamente diversificada; é o caso da Bahia com derivados do petróleo (17%), pasta química de madeira (12%) e soja (8%); Maranhão com minério de ferro (27%), alumina (25%) e soja (19%); Ceará com calçados (21%), castanha de caju (12%), óleos brutos de petróleo (5%) e melões frescos (5%) .

Tabela 1 - Balança Comercial por Estados e Regiões - 2011

	EXPORTAÇÃO (US\$1000 FOB)	IMPORTAÇÃO (US\$1000 FOB)	SALDO (US\$1000 FOB)
BRASIL	256.039.575	226.243.409	29.796.166
SUDESTE	145.906.205	124.901.578	21.004.627
São Paulo	59.909.271	82.160.845	-22.251.574
Minas Gerais	41.392.937	13.026.096	28.366.842
Rio de Janeiro	29.445.494	18.977.003	10.468.491
Espírito Santo	15.158.503	10.737.633	4.420.869
SUL	45.872.377	49.283.055	-3.410.677
Rio Grande do Sul	19.427.102	15.662.163	3.764.939

Fonte: Elaboração própria, dados da Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex)

Nota: Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, o critério para as exportações por Unidade da Federação leva em conta o estado produtor da mercadoria, e não a sede da empresa exportadora. Por exemplo, no caso dos US\$ 281.181.000 exportados pelo Rio Grande do Norte, não significa que o total deste valor foi exportado por empresas sediadas no Rio Grande do Norte. Este foi o valor de mercadorias exportadas produzidas/extraídas/cultivadas no Rio Grande do Norte, independente de onde esteja localizada a empresa. (www.mdic.gov.br/secex)

O estado do Rio Grande do Norte, que historicamente teve uma participação muito baixa nos fluxos de exportações nacionais, nos últimos quinze anos apresentou uma balança comercial com saldo positivo (tabela 2), exceto em 2010 quando as importações superaram as vendas externas em decorrência de aquisições de máquinas e equipamentos, destacando-se os grupos geradores para a produção de energia eólica, em expansão no estado, em especial na área litorânea.

Tabela 2 - Balança Comercial Rio Grande do Norte 1998-2011

	EXPORTAÇÃO (US\$1000 FOB)	IMPORTAÇÃO (US\$1000 FOB)	SALDO (US\$1000FOB)
1998	101.748	88.512	13.236
1999	115.474	84.236	31.238
2000	149.442	70.181	79.261
2001	187.677	88.697	98.980
2002	223.718	115.543	108.175
2003	310.551	168.563	141.989
2004	573.836	139.486	434.350

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex)

Apesar da reduzida participação do Rio Grande do Norte nas vendas externas do Brasil (tabela 1), alguns produtos se destacam na pauta exportadora nacional como, por exemplo, as frutas tropicais e os pescados. Em 2010, os pescados ocuparam a terceira colocação no ranking da receita nacional de exportação, atrás do Ceará e do Pará; e o estado ocupou a quarta posição nas frutas, após Ceará, Pernambuco e Bahia.



Tabela 3 - Exportações por tipo de produto, Rio Grande do Norte, 2011 - 2010

EXPORTAÇÕES	2011		2010		Var%
	(US\$)	%	(US\$)	%	
TOTAL DO ESTADO	281.181.417	100	284.738.231	100	-1,25
TOTAL DOS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS	281.044.367	99,95	260.176.090	91,37	-1,25
MELOES FRESCOS	50.557.900	17,98	45.708.351	16,05	10,61
CASTANHA DE CAJU, FRESCA OU SECA, SEM CASCA	50.177.836	17,85	45.945.003	16,14	9,21
CONSUMO DE BORDO – COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/AE	18.161.298	6,46	8.188.312	2,88	121,8
BANANAS FRESCAS OU SECAS	13.621.237	4,84	17.644.906	6,2	-22,8
MANGAS FRESCAS OU SECAS	10.777.527	3,83	8.090.563	2,84	33,2
CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EM	10.724.663	3,81	3.282.543	1,15	226,7
BOMBONS,CARAMELOS,CONFEITOS E PASTILHAS,SEM C	10.181.728	3,62	8.564.648	3,01	18,8
ROUPAS DE CAMA, DE ALGODAO, ESTAMPADAS	9.089.274	3,23	9.547.688	3,35	-4,8
SAL MARINHO, A GRANEL, SEM AGREGADOS	8.668.484	3,08	14.075.095	4,94	-38,4
GRANITO CORTADO EM BLOCOS OU PLACAS	7.855.508	2,79	6.102.932	2,14	28,7
ACUCAR DE CANA, EM BRUTO	7.630.356	2,71	6.012.236	2,11	26,9
MELANCIAS FRESCAS	6.042.420	2,15	4.931.235	1,73	22,5
CERAS VEGETAIS	5.746.787	2,04	7.706.324	2,71	-25,4
OUTRASLAGOSTAS, CONGELADAS, EXCETO AS INTEIRAS	4.879.454	1,74	4.699.262	1,65	3,8
MEL NATURAL	4.524.547	1,61	1.840.338	0,65	145,9

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex)

No âmbito estadual, o principal fluxo de exportações deve-se às frutas (melões, castanhas de caju, bananas, mangas, melancias, mamões), que contribuíram com 47% da receita estadual de exportação em 2011, conforme a seguinte distribuição: melões frescos (18%); castanha de caju (18%); bananas (5%), mangas (4%) e melancias (25%). Também se destacam os pescados (camarões, atuns, espadartes e lagostas), os produtos minerais (sobretudo sal marinho), os produtos têxteis e de confecções, as ceras e o mel (tabela 3). Cada um desses produtos exportados faz parte de um circuito espacial de produção que envolve diferente tipo de empresas e de processos de trabalho, bem como alcança e transforma diferentes lugares do território potiguar .

Sobre a produção de pescado no Rio Grande do Norte é importante mencionar a pesca do atum, decorrente do estabelecimento de parceria com o Japão, efetivada em 2011, segundo a qual ocorre o uso de embarcações, tecnologia e mão de obra japonesa e em troca fica definido o percentual de 65% das exportações especificamente para aquele país.

As principais mercadorias importadas em 2011 foram o trigo (16%) e materiais plásticos (16%), que servem de insumos para os circuitos de produção industrial. Outras compras vinculadas às atividades de transformação que aparecem na pauta importadora são o algodão (3,5%) e máquinas para fiação de materiais têxteis (2,5%).

Os destinos dos fluxos de exportações potiguares foram tradicionalmente os mercados europeu e norte-americano. Em 2011, a União Europeia ainda ocupa o primeiro lugar seguido pelos Estados Unidos, recebendo respectivamente 40% e 25% das exportações do estado. Merece destaque o aumento expressivo das exportações para Ásia, principalmente para China e Japão, que passaram de 1,5% para quase 8%, superando, desse modo, as vendas destinadas ao Mercosul, que ficaram

com menos de 7%. No caso das importações, em 2011 a pauta é mais diversificada, com 23% das compras externas provenientes da Ásia (China), 21% da União Européia, 20% do Mercosul (Argentina) e 14% para Estados Unidos.

Existe uma fluidez territorial relativamente baixa para o escoamento das mercadorias destinadas ao mercado internacional. O Porto de Natal tem na exportação de frutas seu destaque, representando aproximadamente 30% do total da movimentação de cargas, segundo as informações da Companhia Docas do Grande Rio do Norte. Também exporta açúcar, camarão e peixe congelado. Mas grande parte dos fluxos de exportação sai ainda por portos de outros estados nordestinos, como é o caso das frutas tropicais pelo porto de Pecém (CE) e os produtos têxteis pelo Porto de Suape (PE).

O Porto de Natal conta hoje com três berços, e está em curso um projeto de ampliação que inclui a construção de um novo berço. Quando esta obra for finalizada, este porto terá um total de 900 metros de cais, possibilitando receber de uma só vez três navios de grande porte (de até 200 metros de extensão cada). Existem atualmente dois arrendatários: o Grande Moinho Potiguar, com uma área onde funciona o conjunto industrial moageiro compreendido de silos para recepção e armazenagem de trigo e industrialização de massas, biscoitos e outros derivados de trigo, e a empresa Lauritzencool do Brasil, com dois armazéns em operação, um frigorífico e outro seco.

A modernização da infraestrutura portuária deu visibilidade a um antigo problema que enfrentavam os pequenos pescadores, a precariedade de suas condições de trabalho. Com a ampliação do cais foi anunciada a necessidade da realocação da colônia de pescadores do Canto do Mangue, portanto, gerou-se um conflito de usos do território. Houve um pleito e finalmente os trabalhadores conseguiram que se assinasse um acordo para garantir a construção de uma nova sede e de um atracadouro para as embarcações. O espaço será estruturado com galpão para manutenção dos barcos, uma capela, uma câmara fria e uma indústria de gelo – equipamentos básicos para exercer a atividade que os pescadores nunca tiveram.

Concomitantemente, outras medidas estão sendo adotadas para estabelecer uma base normativo-institucional que promova uma maior porosidade territorial. É o caso da criação da Zona de Processamento de Exportação – ZPE no Município de Macaíba, Região Metropolitana de Natal. O projeto da ZPE foi desenhado pela Prefeitura de Macaíba, pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SEDEC), e pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN), e consolidado por decreto assinado pelo Governo Federal em junho de 2010. O terreno escolhido tem mais de 160 hectares e está localizado junto à rodovia que liga Macaíba a Natal e aos municípios do interior do Estado, pela BR-101. A área será composta por 151 lotes e entrará em atividade por etapas.

As Zonas de Processamento de Exportação - ZPEs são distritos industriais incentivados, onde as empresas neles localizadas operam com suspensão de impostos, liberdade cambial (podem manter no exterior, permanentemente, as divisas obtidas nas exportações) e procedimentos administrativos simplificados - com a condição de destinarem pelo menos 80% de sua produção ao mercado externo. As empresas instaladas beneficiam-se com a suspensão de impostos e contribuições (Imposto de Importação, IPI, PIS, COFINS, PIS-Importação e COFINS-Importação e Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante) nas suas aquisições no mercado interno e nas importações .

Com as ZPEs cria-se uma porosidade para as empresas instaladas e, concomitantemente, um discurso em torno da importância do comércio internacional; uma psicofera que gera expectativas e, muitas vezes, decisões de investimento de infraestruturas públicas que nem sempre contemplam as necessidades da grande maioria da população.

UM CIRCUITO PRODUTIVO ARTICULADO NA ESCALA NACIONAL E INTERNACIONAL

Diversos circuitos promovem a internacionalização do território potiguar por meio de fluxos comerciais que se estabelecem no processo geral de produção, tanto nas compras de matérias-primas e bens de capital – como parte dos inputs da empresa, quanto nas vendas dos produtos transformados



ou beneficiados – aqueles que se computam como output. Nesta última década a modernização do território aprofundou-se, entre outros fatores, pelas exigências que vários circuitos crescentemente atrelados ao mercado externo impõem; dentre eles o circuito das frutas irrigadas, dos crustáceos e peixes, do petróleo e do sal (SANTOS, 2010; MAIA, 2011).

O circuito espacial de produção de têxteis e de confecções, presente em várias porções do território potiguar, destaca-se atualmente nos fluxos internacionais de mercadorias tanto pelas vendas externas, sobretudo de roupas de cama, quanto pelas importações de matéria-prima (algodão e alguns fios) e de bens de capital (máquinas para fiação de materiais).

São diversos os produtos manufaturados vinculados a este circuito – camisetas, roupas íntimas, roupas de cama e mesa, roupas esportivas, bonés – e muitas as empresas envolvidas, predominando as firmas de pequeno e médio porte, a maioria de capital local ou regional. Também estão presentes filiais de empresas sediadas na Região Concentrada que em sua maioria chegaram ao Nordeste na década de 1970, atraídas pelos benefícios das políticas de promoção industrial.

Entre os diversos pontos do território potiguar atingidos pelo circuito, distingue-se a Região do Seridó em razão de uma especialização produtiva associada à atividade boneleira, com um número expressivo de empresas locais, muitas das quais investem em novos equipamentos e tecnologias para atender às crescentes demandas nacionais e também internacionais (LINS, 2011). Mas sobressai principalmente a Região Metropolitana de Natal, que concentra o maior número de estabelecimentos e de pessoal ocupado, com unidades fabris de grupos econômicos como Guararapes, Coteminas, Hering, Vicunha, Coats. A corrente de comércio (exportações + importações) mais intensa e permanente está em mãos desses grandes grupos.

São empresas que desenvolveram uma estratégia territorial que lhes permitiu manter sua presença em diferentes regiões do país. A Companhia Hering possui nove unidades produtivas: cinco em Santa Catarina (a sede na cidade de Blumenau), três em Goiás e uma no Rio Grande do Norte – instalada, em 2009, em Parnamirim. A opção pelo comércio no varejo e pelo sistema de franquias fez com que sua topologia se alargue através de uma extensa rede de lojas espalhadas pelo território brasileiro. No exterior, conta ainda com lojas franqueadas em diversos países da América Latina.

O Grupo Vicunha produz e comercializa índigos, brins, tecidos mistos e tecnológicos, malhas sintéticas e naturais, fibras e filamentos. Possui fábricas nos estados de São Paulo, Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte – no Distrito Industrial de Natal. Em outubro de 2011, o governo estadual prorrogou os benefícios do PROADI (política de incentivos fiscais) já concedidos à Vicunha, que se comprometeu a expandir as instalações da fábrica de tecidos e aumentar a capacidade de produção em 25%.

O Grupo Coats instalou-se no Brasil em 1907 quando fundou sua primeira fábrica no bairro de Ipiranga na cidade de São Paulo. Estendeu sua topologia e atualmente está presente em vários estados, contando com três unidades produtivas no Rio Grande do Norte: a Fábrica Macaíba, a Fábrica Borborema (em Natal), e a Fábrica Extremoz (em São Gonçalo do Amarante). No Nordeste tem um escritório de vendas e centro de distribuição em Fortaleza (Ceará), e na Região Sul dois centros de distribuição, um em Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul) e outro em Gaspar (Santa Catarina); além de duas centrais de atendimento, localizadas no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Produz insumos para costura – linhas para costura, bordado, crochê, tricô, zíperes, entretelas e acessórios.

Guararapes Confecções é o único grupo econômico que tem sua sede em Natal. Em 1979 o grupo comprou a rede Lojas Riachuelo, expandindo-se para o mercado do comércio varejista. Atualmente possui três unidades fabris no Ceará e cinco fábricas no Rio Grande do Norte. Em 1997, a unidade fabril de Natal foi transferida e ampliada para o distrito industrial de Extremoz, hoje com área construída de 150.000 m², responsável pela produção da malharia do grupo e por parte da camisaria, enquanto as três unidades fabris de Fortaleza (CE) produzem tecido plano (sarja, jeans e camisaria). Atualmente o grupo conta com cerca de 40.000 funcionários e 150 lojas espalhadas pelo território nacional.



A Coteminas é uma companhia de capital aberto que produz e comercializa fios e tecidos. Entre suas empresas controladas encontram-se a Santanense, M Martan Têxtil e Springs Global, fabricantes integrados de tecidos para acessórios domésticos e vestuário. Atualmente a Coteminas tem as seguintes unidades: três em Montes Claros (Minas Gerais), uma em Blumenau (Santa Catarina), uma em Campina Grande e outra em João Pessoa (Paraíba), e duas na Região Metropolitana de Natal (Rio Grande do Norte), em Macaíba e em São Gonçalo do Amarante. Também conta com fábricas no exterior: cinco nos EUA, uma na Argentina e uma no México. Tem escritório em Belo Horizonte e na cidade de São Paulo, onde se localizam os departamentos financeiro, jurídico e de marketing. Possui fazendas em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás e seis centros de distribuição nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul.

A topologia de uma empresa muda conforme as decisões de ativar ou desativar fábricas, como acontece atualmente no Rio Grande do Norte segundo o anúncio realizado pela Coteminas em março de 2012. A empresa projeta construir um complexo residencial e comercial em São Gonçalo do Amarante na área ocupada pela fábrica, que será desativada e as atividades serão transferidas para a unidade existente em Macaíba. A fábrica, que hoje emprega aproximadamente 2000 trabalhadores, está localizada no limite entre Natal e São Gonçalo, a sete quilômetros do centro da capital e a 10 km do novo aeroporto do Rio Grande do Norte. A Coteminas desenha uma nova estratégia territorial baseada na lógica do negócio imobiliário e promove assim uma alteração na divisão metropolitana do trabalho.

Os motivos que explicam tal decisão foram, segundo a empresa, os seguintes: o desenvolvimento de São Gonçalo impulsionado pela construção do novo aeroporto, a implantação da zona de processamento de exportação de Macaíba, e a construção do terminal marítimo de passageiros. Mas outros fatores podem ter influenciado. Em 2011 a indústria têxtil e de confecções recuou, no nível nacional, 14,9% enquanto que no Nordeste foi a atividade com maior queda na produção, 24,2%, resultando em um número significativo de demissões. Desde 2006, as importações brasileiras de produtos têxteis e de confecções superam as exportações; esse déficit comercial é decorrente da combinação de um câmbio valorizado no Brasil com a crise financeira que, desde 2008, afeta o mercado norte-americano e europeu, principais compradores.

No âmbito da indústria de confecções é importante apontar o processo de terceirização que se desencadeia no circuito, desenvolvido principalmente nas pequenas cidades do território potiguar. Trata-se de uma prática que ganha representatividade, em especial nos pequenos municípios, uma vez que tem sido garantia de emprego para um número significativo de pessoas, principalmente os mais jovens. Nesse contexto destacam-se duas empresas que operam com contratos de terceirização: a Hering, e o grupo ZTEC – RMNor. De acordo com os dados do PROADI 2009, 55 empresas estavam cadastradas, com uma geração de 2.212 empregos diretos. Embora a terceirização da indústria de confecções ocorra em diversos municípios do Rio Grande do Norte, merece destaque os municípios de São José do Seridó, Município de Santa Cruz e o município de Caraúbas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os circuitos produtivos que fazem parte da dinâmica econômica atual do Rio Grande do Norte mostram um diferente grau de internacionalização, em permanente renovação. As empresas com alto nível de capitalização e tecnologia são as que aproveitam efetivamente as condições de fluidez e porosidade territorial criadas para o comércio internacional.

O circuito espacial de produção têxtil e de confecções agrega a topologia de diversas empresas, mas são as grandes que comandam e imprimem o ritmo ao circuito. Apresentam assim uma topologia que, na fase de produção, abrange vários estados brasileiros. Na fase da distribuição, a repartição do trabalho se alarga ainda mais através de uma extensa rede de filiais espalhadas pelo território nacional. Na fase de comercialização atinge novos pontos na escala mundial, ampliando



o espaço integrado da empresa, movimento que reforça a tendência ao alargamento dos contextos, possibilitado pela eficácia das redes.

As dinâmicas atuais do território são definidas por um número pequeno de grupos econômicos. Todavia, o território reúne a todos os agentes, com possibilidades diferentes de uso do espaço e do tempo (SANTOS, 1996). Portanto, para dar um novo conteúdo ao planejamento urbano e regional, é mister considerar alternativas e usos do território baseados menos na competitividade imposta pelo mercado e mais em lógicas que contemplem a vida de relações nos lugares, nas pequenas cidades, enfim onde a população trabalha e compartilha seu cotidiano de vida.

AGRADECIMENTOS

Projeto inserido no âmbito do Programa PROCAD - Novas Fronteiras promovido pela CAPES, em vigência desde março de 2010, que tem a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como Instituição Proponente sob a coordenação do Prof. Aldo Aloísio Dantas da Silva, e a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como Instituições Associadas sob a coordenação, respectivamente, da Prof^a Mônica Arroyo e do Prof. Márcio Cataia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALVES, Sandra Priscila. **O circuito espacial da produção petrolífera no Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- ARROYO, M. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v.2., n.1, p.7-26, 2012.
- ARROYO, M. **Território nacional e mercado externo. Uma leitura do Brasil na virada do século XX**. Tese (Doutorado em Geografia) - Fac. de Fil., Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2001.
- DANTAS, Eustógio. **Maritimidade nos trópicos**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. 127p.
- ELIAS, Denise e PEQUENO, Renato (org.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006. 483p.
- GOMES, Rita de Cássia da Conceição. Dinâmica territorial da Região Metropolitana de Natal. In: DANTAS, A. e TAVARES, M. A. (org.), **Lugar-mundo: perversidades e solidariedades: encontros com o pensamento de Milton Santos**. Natal: EDUFURN, 2011. p. 159-178.
- GOMES, Rita de Cássia da Conceição. Buscando compreender as pequenas cidades. In: OLIVEIRA, J.A. (Org.), **Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 125-137.
- LINS, Zara de Medeiros. **Circuitos espaciais de produção da atividade boneleira: o uso dos territórios de Caicó, Serra Negra do Norte e São José do Seridó**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- MAIA, Manuel Thiago de Araújo. **O circuito espacial da produção do sal: o uso do território do município de Macau/RN pelas indústrias salineiras**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- SANTOS, Camila Dutra dos. **Difusão do consumo produtivo: reflexos na economia urbana de Mossoró (RN)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

Trabalho enviado em novembro de 2013

Trabalho aceito em dezembro de 2013